

ENTRANCE VISITORS

QUEM ENTREVISTA

Céline Veríssimo



ARTURO ESCOBAR

Universidade da Carolina do Norte,
Chapel Hill, EUA



TRADUÇÃO

Céline Veríssimo



PROJETO/AR COMO A CURA DA TEIA DA VIDA¹

Arturo Escobar nasceu em 1952. É um antropólogo colombiano, radicado nos Estados Unidos, atualmente Professor Distinto Kenan de Antropologia na Universidade da Carolina do Norte, em Chapel Hill. Sua trajetória como acadêmico e ativista vem se desenvolvendo particularmente na região do Pacífico da Colômbia, em apoio a comunidades e movimentos sociais afrodescendentes. No final dos anos de 1990, com outros pensadores latino-americanos – como Aníbal Quijano, Walter Dignolo, Enrique Dussel e Ramón Grosfoguel, entre outros – cria o importante coletivo transdisciplinar Grupo Modernidade/Colonialidade. O conjunto de ideias desse coletivo fornece novos horizontes para a libertação humana e da natureza, ao identificar uma estrutura opressora sobre um tripé: colonialidade do poder, colonialidade do saber e colonialidade do ser. Trata-se de uma forma de denunciar e atualizar a continuidade histórica da colonização e do imperialismo até a atualidade. Amplamente publicado em espanhol e em inglês, Arturo Escobar dedica-se à ecologia política, aos movimentos sociais, à antropologia do desenvolvimento, à antropologia cultural, à política na América Latina e à crítica à modernidade/colonialidade eurocêntrica, visionando possibilidades alternativas para uma era de pós-desenvolvimento, as que chama de “transições pluriversais” (ESCOBAR, 2003, 2016 e 2018).

Esta entrevista ocorreu no colóquio *Decolonizing the Spatial History of the Americas*. Organizado pelo BELLA Research Group da Universidade do Texas e pelo Centro de Estudos Latino-Americanos na Universidade de Cambridge, este evento internacional ocorreu nos dias 10 e 11 de feverei-



52

ro de 2020 na Escola de Arquitetura da Universidade do Texas, em Austin, juntando vinte pesquisadores sobre os temas étnico-raciais sobre a geografia e gênero na área do ensino e da pesquisa em história de arquiteturas e de cidades no continente americano. Provavelmente o único evento internacional sobre colonialidade/modernidade e arquitetura em solo do hemisfério norte até hoje, para além de Arturo Escobar nele palestraram Clara Irazabal-Zurita e Felipe Hernández.

O ponto alto para mim, Céline, foi ter havido a possibilidade de conversar com Arturo Escobar. Na palestra que proferiu na abertura do evento, e no dia seguinte também nesta entrevista, ele deixou a mim e aos demais fascinados tanto com pistas inovadoras sobre novos mundos possíveis quanto com suas visões para uma decolonização com base no espaço e no território – assunto que desenvolveu detalhadamente no seu último livro: *Autonomía y diseño: la realización del comunal* (ESCOBAR, 2016), publicado em inglês como *Designs for the pluriverse: radical interdependence, autonomy, and the making of the worlds* (ESCOBAR, 2018).

Conseguí a entrevista com Escobar (ver Figura 1) – feita em inglês – poucas horas antes de seu embarque de volta para a Carolina do Norte. Foram poucos minutos, mas muitos ricos. O texto subsequente é sua transcrição e tradução do inglês para o português, ambas sob minha responsabilidade.



Figura 1: Céline veríssimo entrevista Arturo Escobar. Fonte: Juliana Marques (2020)

Para você, qual a importância do conceito de “colonialidade do poder”, tal como foi formulado por Aníbal Quijano, centrado na ideia de “raça”?

Penso que colonialidade do poder, colonialidade do saber e colonialidade do ser são conceitos introduzidos por pensadores latino-americanos, particularmente por pessoas como Aníbal Quijano – que é tão central para isso! – e que chamaram a atenção para o fato de que as histórias e as realidades latino-americanas tinham sido escritas, tinham sido vistas e tinham sido entendidas de uma maneira muito eurocêntrica. Isso significa que esses autores centralizaram a Europa nos debates, na avaliação e na conceitualização de todas as formas de ser e de não ser. O cerne da colonialidade é que ela vê diferenças hierarquicamente, por isso deixa de ver a diferença por si mesma. Para mim, por causa da colonialidade, existe uma classificação hierárquica das diferenças. Portanto, se você fizer isso com a Europa e a experiência europeia, as realizações europeias, a arquitetura europeia, sempre no topo das outras, todas as outras formas serão marginalizadas e suprimidas, ou entendidas como de

segunda classe. No contexto atual, temos a reafirmação desse amplo modo colonial hetero-patriarcal dominante de ser, de saber e de fazer as coisas. Vemos isso em Jair Bolsonaro, em Maurício Macri e em toda a elite latino-americana que continua apegada a esse imaginário muito mortal.

Muito mortal porque é também o imaginário da branquitude, o imaginário patriarcal e o imaginário capitalista. Por isso, faz parte daquilo que é a base do aumento no crescimento da desigualdade, com a América Latina sendo a região mais desigual do mundo e tendo o Brasil e a Colômbia no topo da hierarquia da pior desigualdade. É imoral que essa situação continue sendo lucrativa e favorável àqueles que, atualmente, estão se beneficiando ainda mais desta continuidade. Por isso, temos que aprofundar, ir mais fundo na crítica à colonialidade, a esses modos de ser... Mas não apenas com a crítica...

Há cerca de dez ou quinze anos vêm surgindo as feministas decoloniais, que para mim representam a tendência mais interessante e mais recente dentro do amplo guarda-chuva do pensamento descolonial: um grupo crescente, principalmente jovem, mas não apenas jovem, de origem mestiça, negra e indígena: feministas lésbicas na América Latina; também surgiram as *chicanas*, nos Estados Unidos. Há uma conexão, esses dois grupos não são exatamente a mesma coisa, mas exis-

te uma conexão. E daí surge outra questão: por que não há mais pontes entre os feminismos radicais das *chicanas* e esses feminismos anticoloniais e autônomos da América Latina? Recomendo uma coleção muito boa, com cerca de uns seis anos, chamada *Tejiendo de otro modo*, basicamente sobre os feminismos de Abya Yala e organizada pela Yuderkys Espinosa-Miñoso, da República Dominicana, a Diana Gómez Correal, da Colômbia, e a Karina Ochoa Muñoz, do México (ESPINOSA-MIÑOSO et al., 2014). Este é um fato surpreendente sobre a teoria social da América Latina no presente, aquela que está sendo feita por feministas latino-americanas, particularmente feministas decoloniais.

A maioria das autoras e dos autores da decolonialidade vem de países hispanófonos da América Latina e do Caribe. Brasileiros são pouco expressivos. Qual é o papel do Brasil na produção da teoria decolonial? O que poderia mudar a partir de uma participação mais expressiva de brasileiras e brasileiros?

Essa é uma pergunta que não estou muito preparado para responder, mas posso tecer alguns comentários a respeito. Acho que você está certa. Penso que o Brasil não resistiu ativamente. Existe uma resistência indireta a esse pensamento crítico latino-americano, da teoria decolonial em particular. Está começando a acontecer e, pelo que eu entendo, você obviamente faz parte disso – e está chegando tarde. Mas tudo bem, o Brasil é seu próprio mundo, e a academia brasileira é tão grande! Eu entendo que a academia brasileira é, de certa forma, mais eurocêntrica, é mais orientada para a Europa, principalmente orientada para a França. Isso me foi dito por amigos brasileiros, sobre a teoria decolonial, e eles dizem que isso também faz parte da análise. O pensamento decolonial irá para o Brasil e reinventará o Brasil de uma maneira que supere e crie novas condições. Estou realmente feliz que as coisas estão acontecendo, devem haver mais pontes sendo construídas.

Com a negação dos problemas socioambientais, no regime do presidente Jair Bolsonaro, temos mitos como o terraplanismo sendo reforçados. O ecossocialismo parece estar reagindo, mas a decolonialidade provavelmente agora teria um terreno mais fértil para emergir no Brasil...

Definitivamente! Alguém estava dizendo aqui [no colóquio *Decolonizing the Spatial History of the Americas*], nos últimos dois dias, que países como a Colômbia e o Brasil – e também poderíamos acrescentar a República Dominicana – são semelhantes em termos de composição racial: são países pluriversais, a presença de comunidades negras e comunidades indígenas é muito importante simbolicamente, enquanto produtoras de diferentes imaginários.

Seu livro *Autonomía y diseño* (ESCOBAR, 2016) parece exigir que os estudos sobre a modernidade/colonialidade sejam mais práticos, aparentando também sugerir um

enfoque mais espacial, a partir do *diseño*, que traduzo para o português como *projeto*. O território sempre foi algo presente em sua obra. Parece, contudo, que na maioria dos textos decoloniais não há ainda um debate denso sobre o espaço e os territórios, comparativamente com outros temas. Por que razão você acha que isto ocorre? Como pode o debate sobre *projeto* ajudar a pensar um giro espacial e territorial nos estudos decoloniais de modo a propiciar, por exemplo, uma arquitetura decolonial?

Você está certa. Penso que alguém mencionou corretamente, na última sessão de hoje, que grande parte da teoria decolonial da América Latina vem da teoria literária – sobretudo em seu começo, à exceção de Quijano, que foi sociólogo, enquanto Enrique Dussel é filósofo e Walter Mignolo é um teórico literário. A teoria foi desenvolvida especialmente por latino-americanos nos Estados Unidos, nesse caso, a partir de teoria literária e de estudos culturais. Na América Latina, tem sido mais orientada para as ciências sociais. Na Colômbia, existem mais antropólogos, alguns sociólogos, geógrafos e filósofos, em menor número que teóricos da literatura, embora também da literatura e das artes. Então, na maioria das vezes, acho que eles não estavam tão sintonizados com a questão do território e dos problemas nos territórios. Houve uma contribuição, para o melhor e para o pior, principalmente da antropologia e da geografia e, em certa medida, do planejamento urbano, em questões sobre território e espacialidade. Então, estou realmente contente com essa virada para o pensamento decolonial, como uma maneira de trazer a crítica para a arquitetura e o urbanismo, mas também como uma maneira de dotar a teoria decolonial de um imaginário espacial. Como você disse, isso realmente não foi pensado, mesmo que a experiência colonial fosse sobre a conquista do espaço, a conquista de povos e de territórios. De alguma forma, o território foi meio que tomado como um pano de fundo inerte. Mas, agora, sabemos que os territórios não são nada inertes. Para os povos indígenas, por exemplo, os territórios são dinâmicos: são toda uma vida espacial, e fazem parte de quem eles são. Portanto, nesse sentido, isso deve ser explicitado.

55

A arquitetura tem sido geo-historicamente uma ferramenta bastante eficaz para a dominação social, ambiental, espacial e epistêmica. Como poderia o *projeto* do habitat humano ajudar na decolonização da arquitetura? A decolonização da arquitetura poderia contribuir para a libertação e a autonomia dos povos do mundo? Inspirados na crítica de Sílvia Rivera Cusicanqui a pensadores decoloniais (CUSICANQUI, 2010, p. 56) e reconhecendo que a práxis em arquitetura é altamente normativa e propositiva, como poderemos pensar um *projeto decolonial* que não seja determinista, positivista e normativo?

Gostei da maneira como você colocou questões no final da sua apresentação hoje, e isso foi realmente interessante: como podemos repensar a arquitetura e a paisagem, e a prática urbanística, como uma práxis para a libertação e a autonomia? E

como fazer *projeto*, como eu disse na minha palestra ontem, para a cura da teia da vida? Parece-me que é o *projeto* baseado no local. Existe esse arquiteto colombiano Harold Martínez Espinal, que eu mencionei, que também adota essas noções de Heidegger que *ser é ser e estar no espaço*. Essencialmente, somos seres espaciais, não podemos deixar de ser, somos baseados no lugar, mas também estamos ancorados no espaço. E esse fato da existência humana foi reelaborado pela arquitetura moderna para nos isolar do ambiente natural e nos isolar uns dos outros, de outros seres humanos, dos espíritos e de tudo o mais. Então, quando olhamos para a história das cidades, vemos que elas foram construídas contra a natureza e contra outros seres humanos, contra as pessoas – isolando e individualizando. E é por isso que se fala tanto sobre a classe média como o atual grande desafio do *projeto* de planejamento urbano.

Lembro-me agora, da primeira vez em que fui ao Rio de Janeiro, em 1995, em que passei lá dois meses. Fui levado por um amigo em uma visita pelo bairro da Barra da Tijuca, por aquele impressionante desenvolvimento de vinte quilômetros de comprimento ou algo parecido. Esse enorme bairro residencial autossuficiente e fechado, de classe média alta, onde pessoas privilegiadas viviam em condomínios fechados, com suas boates, seus cinemas e seus shoppings e tudo mais. Como na minha cidade na Colômbia, Cáli, eles ocuparam enormes quantidades de espaço – terra e recursos, como a água, para tornar possível esse sonho de vida de classe média, no estilo estadunidense. Eu penso que temos que decolonizar a arquitetura, fundamentando-a no local e na região. Penso que o conceito de região também é muito importante nesse aspecto: nas biorregiões, nas regiões biossociais, nas quais venho pensando na Colômbia, mais precisamente em Cauca, perto da cidade de Cáli.

Não se trata de produzir plantas, cortes e fachadas, não se trata de uma orientação normativa para habitação ou formas de morar. É sobre reinventar novas formas de habitabilidade que satisfaçam princípios básicos de interdependência, de se basear na interdependência entre tudo o que existe – certamente, entre seres humanos e seres não humanos. Então, se você seguir essa interdependência radical da vida, precisa criar *projetos* muito diferentes. Para os humanos, você não cria uma plantação de agricultura, cria diversas formas agroecológicas de pequeno e médio porte. Você não cria esses arranha-céus enormes, é preciso criar edifícios e casas de poucos pisos, cercados por aglomerados de hortas e jardins.

Dada a atual virada política radical neoliberal – com Donald Trump, Jair Bolsonaro, entre outros – e, simultaneamente, dada a recente Primavera Latino-Americana (Chile, Equador, Haiti), como você prevê uma transição pluriversal? Seguindo a sua idéia de *projeto para a autonomia neces-*

*sária para estabelecer novos alicerces para a vida, como poderia isso acontecer? Por meio de uma mudança revolucionária feita por insurgência popular? Uma reforma, impulsionada por força dos agentes políticos e econômicos? Poderia estar relacionada com federações anarquistas e ajuda mútua sem a presença do Estado? Até que ponto o anarquismo europeu converge com cosmovisões andinas como o *Sumak Kawsay*, dos quéchuas, e o *Suma Qamaña*, dos aimarás?*

Eu acho que o que ocorrerá será uma combinação de diferentes coisas. Talvez nem todas as que você mencionou, mas a maioria delas. As transições não acontecerão necessariamente da maneira que imaginamos que as transições deveriam ocorrer, na direção do *buen vivir*, ou para redes mais autônomas de comunidades ou coletivos, mas é uma possibilidade. Essa possibilidade pode acontecer por meio da auto-organização. Mas a auto-organização requer alguma organização, não é totalmente espontânea...

Como podemos prever a distribuição dessa transição globalmente? Alguns argumentam que poderia ser digital, outros dizem que precisamos de religião. Você fala sobre cura, sobre a dimensão ontológica e espiritual do *projeto*...

Sim, tem a ver precisamente com essa dimensão. Não acredito em religião organizada, isso faz parte do problema. Temos que reinventar a espiritualidade para as cidades. É uma parte da transição pluriversal ontológica: reconectar-se ao mundo espiritual. Por vezes, eu falo sobre as espiritualidades da Terra, que estão mais próximas daquilo que pode estar presente em todos os tipos de espiritualidade. Algumas dessas são as práticas dos povos indígenas.

Às vezes temos que inventar. Afeto é parte disso, amar e cuidar: cada vez mais e mais pessoas estão falando sobre isso. 

¹ Na ausência de sinônimo na língua portuguesa que seja análogo à palavra “*diseño*”, em espanhol, e “*design*”, em inglês – ambas utilizadas por Escobar quando aciona cada um desses idiomas –, baseio-me em meus próprios estudos para entender a palavra “*projeto*” como a ação intuitiva dos humanos necessária no processo dialético de transformação da natureza para criação

do seu habitat. Esse processo entende o contexto, imagina uma melhor situação, resolve um problema, executando ou construindo para satisfazer as condições necessárias para a vida – a vida da comunidade e do ambiente no local onde vive. A concretização do ato de projetar envolve intuição, desejo, propósito, estratégia e criação de projeto, i.e., *projetar* para que o

habitat humano possa acontecer. Esta conceituação de *projeto* e *projetar*, é diametralmente oposta à idéia hegemônica de projeto como conhecemos hoje, cuja vocação é mercantilista e a serviço do poder, segundo os preceitos da modernidade neoliberal. Assim, para nos desvencilharmos do projeto eurocêntrico, falta, segundo Escobar (2016), um *projeto* ontológico pluri-versal mais influente e profundo, como o meio para a transição da hegemonia da ontologia mundial de modernidade e com vista a um pluriverso de configurações socionaturais onde *projeto/ar* se torna uma ferramenta para reimaginar e reconstruir mundos locais; e, segundo Boaventura de Sousa Santos (2018), passa hoje em dia pelo desenho e pela validação das práticas de luta e de resistência que recorrem a um trabalho político, direcionado para as três formas de dominação – colonialismo, capitalismo e patriarcado, a que chama *artesanía das práticas*, por ser semelhante ao trabalho artesanal e ao produto de artesanato, que improvisa e inova operando em contextos de adversidade, para que possa tornar uma zona libertada. Por todas essas razões, *projeto* e *projetar* são as palavras escolhidas para esta tradução em substituição ao substantivo e verbo *design* (Nota da tradutora).

/

ESCOBAR, A. Mundos y Conocimientos de Otro Modo: El programa de investigación de modernidad/colonialidad latinoamericano. *Tabula Rasa*, n. 1, p. 51-56, 2003.

ESCOBAR, A. **Autonomía y diseño:** la realización de lo comunal. Popayán: Editorial Universidad del Cauca, 2016.

ESCOBAR, A. **Designs for the pluriverse:** radical interdependence, autonomy and the making of worlds. Durham/London: Duke University Press, 2018.

ESPINOSA-MIÑOSO, Y., GÓMEZ CORREAL, D.G., OCHOA MUÑOZ, K. (Orgs.). **Tejiendo de otro modo:** feminismo, epistemología y apuestas descoloniales en Abya Yala. Popayán: Editorial Universidad del Cauca, 2014.

RIVERA CUSICANQUI, S.R. **Chíxi-nakax Utxiwa: una reflexión sobre prácticas y discursos descolonizadores.** Buenos Aires: Tinta Limón, 2010.

SANTO S, B.S. **O fim do império cognitivo: a afirmação das epistemologias do sul.** Coimbra: Edições Almedina, 2018.